



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

AS BENZEDEIRAS NO ASSENTAMENTO ITAMARATI 1

Julio dos Santos Araújo¹; Rodrigo Simas Aguiar².

1. Acadêmico do curso de graduação em Ciências Sociais e bolsista do programa 'Bolsa Permanência' da Universidade Federal da Grande Dourados. 2. Orientador, docente da área de Antropologia da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

RESUMO

Os dados constantes neste texto são decorrentes de um estudo etnográfico desenvolvido no Assentamento Itamarati 1, localizado no Município de Ponta Porã, estado de Mato Grosso do Sul. A etnografia teve como objeto as benzedeadas que vivem no assentamento, registrando algumas de suas benzeduras e simpatias. Ao final da pesquisa, notou-se que as benzedeadas são fundamentais para o equilíbrio cosmológico, atuando não só nos processos de cura, mas como interlocutoras entre mundo material e espiritual.

Palavras-chave: antropologia, etnografia, Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

O assentamento Itamarati é o maior da reforma agrária em Mato Grosso do Sul. Localizado no município de Ponta Porã, caracteriza-se pela forte ênfase na agricultura familiar. Apesar de em seu núcleo possuir um comércio pulsante, com oferta variada de produtos e serviços, dada a sua dimensão há lotes que ficam em relativo isolamento, tornando a distância ao centro e ao ponto de saúde uma dificuldade a se vencer. Também há certa carência em serviços médicos, o que destaca o papel das benzedeadas nos processos de cura praticados pela medicina popular.

Diante da dimensão do assentamento, optou-se por centrar o estudo em uma de suas regiões internas, denominada Assentamento Itamarati 1 – Cut Nova Esperança. Dessa forma, o objetivo principal da pesquisa foi o registro etnográfico das práticas rituais das benzedeiras dentro desta área parcial escolhida. A primeira dificuldade foi identificar quem eram as benzedeiras, pois muitas escondem o ofício. Isso se dá em razão dos conflitos de ideologias religiosas, tendo algumas linhas mais radicais a visão de que benzeduras são práticas malignas. Este conflito se dá dentro de uma enorme contradição, pois as benzedeiras são normalmente católicas fervorosas e entendem a capacidade de benzer como um dom divino.



Estrada de acesso ao Assentamento Itamarati 1.

A benzedura tornou-se muito popular no Brasil em razão da ausência de médicos e atendimentos medicinais nos confins do país. Dessa forma, a medicina popular passou a ser o principal veículo de cura para muitas comunidades. Beberagens, ervas, rezas e simpatias passaram a ser a principal fonte de cura para aquelas pessoas as quais o

atendimento por parte de um médico era inviável. Outra característica dos tratamentos alternativos é a busca de uma cura integral, que alia o bem do corpo ao bem da alma. Dessa forma, são identificadas doenças que se manifestam fisicamente, mas que a origem está em uma agressão ao ser etéreo e não ao ser material. Nestes casos, o tratamento físico é tido como paliativo e a cura total só poderá ser atingida através de procedimentos místicos e religiosos. O mau olhado é um exemplo disso.

Durante as pesquisas, percebeu-se que a prática da benzedura apresenta decréscimos importantes em razão da dificuldade de se encontrar descendentes que queiram dar seguimento à vocação. Dessa forma, o registro das práticas e das rezas justifica a execução de pesquisas dessa natureza. O método empregado na pesquisa e os dados resultantes serão apresentados a seguir.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Richardson (1999) esclarece que o método pode ser definido como o caminho empreendido para se chegar a determinado fim. Ou seja, o método compreende os recursos materiais e intelectuais utilizados na construção de determinado conhecimento acadêmico. Certamente, tais caminhos se diferenciam significativamente quando colocamos em contraste as ciências humanas e sociais com as ciências naturais. Assim, convencionou-se dizer que as ciências naturais buscam a via da compreensão enquanto que as ciências sociais traçam um caminho rumo à compreensão dos fenômenos humanos (GIL, 1995).

Pesquisar as benzedadeiras requer o que nas ciências humanas tradicionalmente chamamos de ‘trabalho de campo’. Na Antropologia, área de inserção desta pesquisa, o trabalho de campo é elemento fundamental para se atingir o conhecimento acerca dos povos estudados. Neste segmento do saber, o trabalho de campo se denomina ‘etnografia’. Trata-se de uma imersão na vida social das populações estudadas (ESPINA BARRIO, 2005). O que a etnografia busca é ver o mundo pelos olhos do outro, ou seja, pela perspectiva do grupo observado.

A etnografia, método de observação participativa como hoje concebemos na antropologia, nasceu com as pesquisas de Bronislaw Malinowski acerca do Kula, ritual de troca de colares e braceletes praticado por nativos das ilhas Trobriand, descrito na célebre obra ‘Argonautas do Pacífico Ocidental’ (MALINOWSKI, 1984). Desde então a etnografia amadureceu, incorporando-se a inúmeras escolas antropológicas, como o estruturalismo, a antropologia hermenêutica e a pós-moderna, só para citar algumas. No Brasil, Roberto Cardoso de Oliveira (2006) vai propor que a etnografia é uma ação de campo praticada pelas faculdades do ver, do ouvir e do escrever, vindo a converter o encontro de horizontes semânticos - pessoas com diferentes cargas ideológicas, como a cultura nativa e a cultura acadêmica – em um encontro etnográfico, sendo necessário, para tanto, estabelecer uma relação dialógica. Ou seja, a partir do momento em que na relação entre pesquisador e observado, por meio da observação participante, se estabelece um diálogo como o praticado entre ‘iguais’, se traça o caminho mais acertado para a compreensão da vida social do grupo humano investigado.

Dessa forma, passamos a entender um procedimento metodológico importante e distintivo da antropologia: na etnografia não se aplicam questionários. A observação participante permite registrar dados por meio de diálogos e entrevistas abertas, ou seja, não dirigidas. Para que as entrevistas tenham o efeito desejado, ou seja, de relação dialógica, é necessário vários encontros com os interlocutores. Os dados de interesse não serão propriamente revelados na primeira visita, mas sim ao longo de múltiplos encontros e por meio de diversas entrevistas não diretas. Por isso a etnografia demanda tempo. De maneira similar às ideias de Cardoso de Oliveira, Goode e Hatt asseveram que o “processo de realizar a entrevista é grandemente auxiliado pelos registros das questões de maneira que mais se aproxima a uma conversação, introduzindo aqueles itens que são o principal objetivo da pesquisa” (GOODE & HATT, 1979: 252). Com base nestes conceitos é que se procedeu com as entrevistas no Assentamento Itamarati 1.

As atividades de campo desta pesquisa foram desenvolvidas ao longo de quase dois anos. As entrevistas foram feitas sem gravadores, evitando assim o efeito intimidador que este aparelho pode causar nos interlocutores. Travaram-se conversações com pessoas ligadas à prática da benzedura, ao mesmo tempo em que se esboçavam anotações em caderno de campo. Quando já se tinha uma relação de confiança com os

entrevistados, passou-se a utilizar máquina fotográfica, especialmente para efetuar o registro das hortas medicinais.

Concluída a etapa de campo, deu-se início à transcrição das anotações de campo e organização dos dados.

A PRÁTICA DA BENZEDURA NO ASSENTAMENTO ITAMARATI 1 E OS MITOS REGULADORES

A benzedura é tida como uma prática cristã, operada normalmente por pessoas da religião católica, mas sem o reconhecimento oficial da instituição. Na casa de uma das benzedoras entrevistadas havia um altar com imagens de santos, reiterando a fé da mesma nos dogmas católicos. A benzedora utiliza como instrumental místico elementos domésticos, como tesouras, facas, terços ou ainda ervas colhidas de um herbário mantido no quintal da casa. Normalmente, as simpatias e benzeduras são praticadas por mulheres, mas registraram-se também homens no ofício, ainda que a presença deles seja muito rara.

O primeiro grande dogma da benzedura é que a mesma não pode ser cobrada, pois caso contrário a bênção não é realizada. Isso se repete em outras regiões do Brasil, fazendo com que aquelas pessoas que cobram pelas benzeduras caiam no descrédito. Na qualidade de bênção, a benzedura deve ser feita de maneira despretensiosa, cabendo ao 'paciente' o pagamento na forma de presente pelos meios que possui, caso queira retribuir. Trava-se aí uma relação de reciprocidade.

No Assentamento Itamarati 1 foram entrevistadas três pessoas ligadas à prática da benzedura e da medicina popular, sendo duas mulheres, ambas benzedoras, e um homem, este curandeiro. Os nomes foram ocultados para preservar a privacidade e evitar perseguições religiosas. Os depoentes narraram os procedimentos mágico-religiosos e contaram histórias de benzeduras. Em todos os casos, espíritos malévolos aparecem como fonte constante de tormentos. Como a pessoa que benze se coloca entre a vítima e os espíritos que a atormentam, há o temor de que os males passem para aquele que pratica a cura. Por isso o praticante da benzedura destaca a fé como a

proteção que possuem contra os males que combatem. Tal conceito explica a presença constante de imagens de santos nos lares de benzedadeiras e benzedeiros.

A benzedura é uma manifestação de ordem cosmológica, onde santos e espíritos constituem as fontes de influência. Segundo Gertz (2001) a cosmologia se manifesta através de uma série de contornos simbólicos que compõem um repertório elaborado para conferir um sentido de mundo. Desta forma, a benzedura, na forma de magia simpática, aparece como prática para restabelecer a ordem original, alterada por meio da ação de espíritos ou de pessoas malévolas, assegurando o correto funcionamento da vivência social. Feitiços, inveja, práticas malévolas, seriam elementos desestabilizadores, tendo na benzedura a forma de restaurar o equilíbrio, conferindo sentido de vida aos atores sociais envolvidos naquele cenário etnográfico. O tema ‘feitiço’ e suas influências na ordem social foi muito bem abordado por Evans-Pritchard (2005) em seu livro ‘Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande’. Em comum, percebemos a influência dos feitiços e bruxarias no ordenamento da vida social e a necessidade da presença de um especialista para combater os malefícios. Assim, fica evidente a importância das benzedadeiras no Assentamento Itamarati 1 como variável de restauração do equilíbrio cosmológico pela prática ritual.

Entre os casos contados, dois foram aqui destacados para demonstrar a relação do universo material com o mundo espiritual. O primeiro caso trata de uma fazenda cercada de relatos fantásticos. No imaginário popular, aquela fazenda é ocupada por uma legião de espíritos atormentados. Na lenda, operários eram contratados para empreitadas e assassinados, a fim de evitar o pagamento. Estes espíritos hoje por lá perambulam, como almas penadas. Na construção imaginária do espaço, tesouros são associados à fazenda, mais especificamente a um galpão de máquinas, e guardados pela maldição dos espíritos. Todo o que tentar se apoderar do tesouro é imediatamente atacado pelos espíritos atormentados. Eis que surge a lenda de um homem que se gabava pela valentia, descrente da potencial ameaça que guardava tais riquezas ocultas. Certa noite, monta em seu cavalo e parte para o barracão em busca dos tais tesouros. O animal já na entrada da fazenda empaca irremediavelmente, tendo o valente que seguir a pé pelo resto do trajeto. Chegando lá arromba a porta do barracão e se põe a buscar os tesouros. No mesmo momento passa a ser obsediado pelos espíritos e deixa seu estado normal definitivamente, vivendo desde aquele momento até à sua morte em um estado

de demência e covardia. O mito é um regulador das ações ante os espíritos, que não devem ser desafiados, sob pena de trazer suas influências nocivas para a vida social.

O segundo mito narra a morte de um garoto que após um almoço em família resolve banhar-se no lago. Durante a brincadeira sofre uma congestão e morre a caminho do hospital. Seu espírito passa a atormentar os pais, rogando-lhes que lhe restaurem a vida. Uma benzedeira é evocada para apaziguar a dor do espírito e libertar os pais desse tormento. Após dias de reza o espírito do menino encontra seu caminho e liberta os pais da agonia. Aqui, a benzedeira aparece como a mediadora entre os planos material e espiritual, reiterando sua importância social ao promover um ordenamento cosmológico.

REZAS E BENZEDURAS REGISTRADAS NA PESQUISA

Abaixo estão listadas as principais rezas registradas na pesquisa entre as benzedeadas do Assentamento Itamarati 1 e suas aplicações. Na transcrição mantiveram-se as falas tal como relatadas (sic).

Oração para sair de casa protegido

Operação: Fazer o sinal da cruz em nome do pai, do filho e do espírito santo, olhando para o céu. Pronunciar as palavras:

“Deus te salve ao anoitecer

Deus te salve ao amanhecer

Com a chave de são Pedro

Trancai bem o corpo com toda a família

Deus afrente paz na guia

Encomendo a Deus, Virgem Maria

Livrai-me do perigo e da tentação

Amém Jesus”

Concluir: cuspir no chão e pisar sobre com o pé direito, segue o caminho sem olhar para trás.

Oração pra tira o mal olhado e o quebranto

“Fulano quem foi que te botou o olhado

Se, foi sua boniteza, se foi seu comer, se foi sua alegria.

Se, foi no dormir, se foi no sorrir, se foi no olho grande

Se, foi inveja, se foi no trabalho, foi nos pés nas mãos na pele

Nos sangues nos ossos, nos nervos.

Com dois te botaram, com dois eu tiro.

Com três eu te benzo, com três eu te curo.

Olhado quebrando, zanga porqueira.”

Concluir: rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria e proferir as palavras: ‘Santa Maria oferece as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.’

Oração pra remover o peito aberto e a espinhela caída

Operação: envolver com uma toalha a região que divide o tórax e o abdômen e traçar uma linha do diafragma até o dorso.

“Corto a cabeça e o rabo

Três coisas veio a curar

Ais que a espindela, veio levantar.

Alevanta espindela caída e peito aberto pro teu lugar.”

Concluir: rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria. Proferir as palavras: ‘Santa Maria oferece aos anjos da guarda as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.’

Oração para o cobreiro

Operação: usa pinhão roxo e ramo de planta, cortados com tesoura, quando se diz “corto a cabeça e o rabo”. Depois profere a reza:

“Vem de romaria de roma a romaria curando o cobreiro e a cobraria, cobreiro brabo verde assim, mesmo te corto a cabeça e o rabo deixo bem pequenininho.”

Concluir: rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Santa Maria.

Oração para dores de cabeça

Operação: colocar uma toalha branca na cabeça, emborcar uma garrafa com água tampada pela metade de sua capacidade sobre a toalha. Segurar a garrafa sobre a cabeça e proferir:

“Andavam Jesus e José pelo mundo e encontraram uma Santa Pelonha

Santa numa pedra de ouro fino, Santa Pelonha que estas fazendo ai?

Tô rezando por fulanos

Tô rezando para curar dor de dente, dor de cabeça, dor de chuçada, dor de pontada, dor aguçada, dor que não posso suportar

Rezando para ondas do mar sagrado levar

Amém.”

Concluir: rezar o Pai Nosso três vezes. Às vezes a reza se dá aproximando uma faca aquecida ao fogo à testa do enfermo.

Como o uso de ervas é constante, tanto como instrumento para as operações simpáticas como na forma de beberagens medicinais, cada benzedeira possui um herbário no seu quintal. Algumas ervas tiveram seu uso consagrado pela sabedoria popular, como o emprego de emplastos de fumo e querosene contra picadas de cobras, banhos de salmoura para combater mau olhado ou chá de cidreira para acalmar. Para dores abdominais e limpeza do organismo trituram folas de losna e deixam descansar em água, para depois tomar. De todas as formas, há sempre uma associação das receitas com práticas religiosas.



Vista parcial do herbário de uma benzedeira.

CONCLUSÕES

A pesquisa demonstrou que o ofício de benzedeira está em desaparecimento em razão da dificuldade de se passar os conhecimentos para as novas gerações. A nova geração não demonstra interesse em seguir com a arte da benzedura. Contudo, a importância das benzedadeiras para a sociedade reside na necessidade de se buscar soluções para curas, onde os médicos ainda são raros.

De todas as formas, o processo de cura pela benzedura não reside só na esfera do físico, mas envolve também o combate de malefícios de cunho espiritual. Assim, a benzedeira ocupa papel de destaque na interlocução entre os dois mundos, atuando como mediadora e restauradora da ordem social, inicialmente abalada pela ação de espíritos malévolos.

Por meio de entrevistas com a população local registraram-se duas posições opostas em relação às benzedadeiras. Uma primeira é de exaltação por parte daqueles que encontraram cura entre as práticas de benzeduras e por isso mesmo se mostram defensores da posição de prestígio das mesmas. De outro lado estão os adeptos das religiões pentecostais, que associam a prática da benzedura com rituais demoníacos e por isso mesmo desencadeando relações de tensão e hostilidade para com as benzedadeiras.

A intolerância religiosa apresenta-se como um grave problema para o convívio harmônico entre diferentes crenças e filosofias. Este problema gera seus reflexos no modo de vida das benzedadeiras, cujas descendentes se sentem cada vez menos atraídas para o ofício não só pelo desinteresse, mas pelo medo das represálias de outras correntes religiosas. Mesmo assim, é inquestionável a importância das benzedadeiras para uma parcela significativa da população do Assentamento Itamarati 1.

REFERÊNCIAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: 2006.

ESPINA BARRIO, Angel Baldomero. *Manual de Antropologia Cultural*. Recife: Massangana e Fund. Joaquim Nabuco, 2005.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford (2001). *O saber local*. Petrópolis: Vozes.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social* . 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GOOD, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em Pesquisa Social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.